

04 - DISLEXIA E DISLEXSOCIALIA. APENAS UMA QUESTÃO DE SEMÂNTICA? UMA DISCUSSÃO ACERCA DA VISÃO DE JANETE PEREIRA DE SOUSA

GABRIEL CÉSAR DIAS LOPES, Ed.D, Ph.D (UniLogos, EUA/ABEF BRASIL)
DULCILENE RIBEIRO SOARES NASCIMENTO, Ed.D, Ph.D (UniLogos,EUA)
NILTON ELIAS DE SOUSA (FACMED/UniLogos)
ESTÉLIO SILVA BARBOSA (UniLogos, EUA)

doi: 10.16887/92.a4.04

ABSTRACT

This article presents the point of view of the author Janete Pereira de Sousa about dyslexia, opposing Dyslexsocialia. The problem of work presents itself in the sense of knowing in the view of Janete Pereira de Sousa: what are the conceptions about dyslexia and dyslexsocialia? Do the two terms dyslexia and dyslexsocialia have the same meanings and characteristics? What differentiates one from the other? What factors trigger dyslexsocialia? In order to try to answer these guiding questions, the following objectives are listed: to describe the conceptual and conceivable aspects of dyslexia and dyslexsocialia, to characterize a brain with dyslexia, to promote the influence of dyslexia on personality formation, to present the factors that trigger dyslexsocialia, and its complications, to present and analyze the vision of dyslexia and dyslexsocialia. The methodology used in the writing of this article was a bibliographic research with a focus on articles and authors that discuss dyslexia and its influence on the individual's learning, as well as the academic text precursor of the dyslexsocialia theme. In this context and supported by the theory of Piaget and Vygotsky, following the author's thinking, it is possible to affirm that the current picture of dyslexia and dyslexsocialia goes beyond learning problems and that a diagnosis is not only clinical, but social. This social diagnosis is very important for school learning.

Keywords: Dyslexsocialia; Dyslexia; Learning Disorders.

RESUMEN

Este artículo presenta el punto de vista de la autora Janete Pereira de Sousa sobre la dislexia, oponiéndose a la Dislexsocialia. El problema del trabajo se presenta en el sentido de saber en la mirada de Janete Pereira de Sousa: ¿cuáles son las concepciones sobre la dislexia y la dislexsocialia? ¿Los dos términos dislexia y dislexsocialia tienen los mismos significados y características? ¿Qué diferencia a uno del otro? ¿Qué factores desencadenan la dislexsocialia? Para tratar de responder a estas preguntas orientadoras, se enumeran los siguientes objetivos: describir los aspectos conceptuales y concebibles de la dislexia y la dislexsocialia, caracterizar un cerebro con dislexia, promover la influencia de la dislexia en la formación de la personalidad, presentar los factores que desencadenan la dislexsocialia, y sus complicaciones, para presentar y analizar la visión de la dislexia y la dislexsocialia. La metodología utilizada en la redacción de este artículo fue una investigación bibliográfica con foco en artículos y autores que discutan la dislexia y su influencia en el aprendizaje del individuo, así como el texto académico precursor del tema dislexsocialia. En este contexto y apoyado en la teoría de Piaget y Vygotsky, siguiendo el pensamiento del autor, es posible afirmar que el cuadro actual de la dislexia y la dislexsocialia va más allá de los problemas de aprendizaje y que un diagnóstico no es solo clínico, sino social. Este diagnóstico social es muy importante para el aprendizaje escolar.

Palavras-chave: Dislexsocialia; Dislexia; Trastornos del aprendizaje.

RESUMÊ

Cet article présente le point de vue de l'auteur Janete Pereira de Sousa sur la dyslexie, s'opposant à Dyslexsocialia. Le problème du travail se pose au sens de savoir selon Janete Pereira de Sousa : quelles sont les conceptions de la dyslexie et de la dyslexsocialia ? Les deux termes dyslexie et dyslexsocialia ont-ils le même sens et les mêmes caractéristiques ? Qu'est-ce qui différencie l'un de l'autre ? Quels facteurs déclenchent la dyslexsocialie ? Pour tenter de répondre à ces questions directrices, les objectifs suivants sont listés : décrire les aspects conceptuels et envisageables de la dyslexie et de la dyslexsocialie, caractériser un cerveau dyslexique, promouvoir l'influence de la dyslexie sur la formation de la personnalité, présenter les facteurs qui déclenchent la dyslexsocialie, et ses complications, pour présenter et analyser la vision de la dyslexie et de la dyslexsocialie. La méthodologie utilisée dans la rédaction de cet article a été une recherche bibliographique avec un focus sur les articles et les auteurs qui traitent de la dyslexie et de son influence sur l'apprentissage de l'individu, ainsi que le texte académique précurseur du thème de la dyslexsocialie. Dans ce contexte et soutenu par la théorie de Piaget et Vygotsky, suivant la pensée de l'auteur, il est possible d'affirmer que le tableau actuel de la dyslexie et de la dyslexsocialie va au-delà des problèmes d'apprentissage et qu'un diagnostic n'est pas seulement clinique, mais social. Ce diagnostic social est très important pour les apprentissages scolaires.

Mots-clés Dyslexsocialie ; Dyslexie; Troubles d'apprentissage.

RESUMO

O presente artigo traz o ponto de vista da autora Janete Pereira de Sousa acerca da dislexia, contrapondo a Dislexsocialia. A problemática do trabalho se apresenta no sentido de saber na visão de Janete Pereira de Sousa: quais as concepções sobre dislexia e a dislexsocialia? Os dois termos dislexia e a dislexsocialia apresentam os mesmos significados e características? O que diferencia uma da outra? Que fatores desencadeiam a dislexsocialia? Com objetivo de tentar responder essas questões norteadoras elenca-se os seguintes objetivos: descrever os aspectos conceituais e conceptíveis da dislexia e dislexsocialia, caracterizar um cérebro com dislexia, fomentar a influência da dislexia para a formação da personalidade, apresentar os fatores que desencadeiam a dislexsocialia, e as suas intercorrências, apresentar e analisar a visão da dislexia e da dislexsocialia. A metodologia utilizada na escrita deste artigo foi de pesquisa bibliográfica com o enfoque em artigos e autores que discutem sobre a dislexia e sua influência na aprendizagem do indivíduo, bem como, o texto acadêmico precursor da temática dislexsocialia. Nesse contexto e apoiada pela teorização de Piaget e Vygotsky, seguindo o pensamento da autora e possível afirmar que o quadro que se apresenta atualmente de dislexia e dislexsocialia vai além dos problemas de aprendizagem e que é necessário um diagnóstico não somente clínico, mas social. Sendo esse diagnóstico social importantíssimo para aprendizagem escolar.

Palavras-chave: Dislexsocialia; Dislexia; Distúrbios de Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Dislexia é um distúrbio genético e hereditário que causa dificuldade na aprendizagem, há alteração nas vias das conexões cerebrais, gerando dificuldade principalmente na leitura, escrita e soletração. A autora ressalta que nem todos os distúrbios de aprendizagem podem

ser definidos como dislexia e que é necessário que haja a identificação dos diversos distúrbios e a criação de novos conceitos que supram as demandas conceituais e categorizem desses déficits apresentados.

Conforme Nico (2011) a dislexia é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linha ao ler um texto etc.

A dislexia é um dos distúrbios que mais afetam a aprendizagem. Para melhor explicar o que é dislexia Nascimento Santana e Barbosa (2011) disserta: “Dislexia é um transtorno específico, que é caracterizado pela dificuldade na correta e/ou fluente leitura de palavras, na escrita e nas habilidades de decodificação.”

A dislexia é dos mais recorrentes transtornos do neurodesenvolvimento. Trata-se de uma anomalia que afeta habilidades concernentes a habilidades de comunicação, interação social, aprendizagem. por exemplo. Em contraposição à dislexia, surge a terminologia dislexsocialia, defendida por Janete Pereira de Sousa, pesquisadora baiana que aponta como sendo essa a principal causa das dificuldades e transtornos da aprendizagem, erradamente apontados como dislexia, essa causada por deficiência neurais, genéticas e ou biológicas.

Segundo Gonçalves 2014, a dislexsocialia, estar mais associada a fatores sociais, emocionais e outros, que não são apenas cognitivos. Discussões sobre dislexia e dislexsocialia permeia a temática desse artigo que busca saber: Quais as concepções sobre dislexia e a dislexsocialia? O que diferencia uma da outra? Que fatores desencadeiam a dislexsocialia? Os objetivos desse artigo são: descrever os aspectos conceituais e conceptíveis da dislexia e dislexsocialia, caracterizar um cérebro com dislexia, fomentar a influência da dislexia para a formação da personalidade, apresentar os fatores que desencadeiam a dislexsocialia, e a suas intercorrências, apresentar e analisar a visão da dislexia e da dislexsocialia.

Dessa forma, esse artigo discorre sobre a dislexia, sua contraposição a dislexsocialia, apresentando informações e discussões sobre ambas e evidenciando o pensamento de Janete Pereira de Sousa, e outros renomados teóricos.

Sousa, fundamentado por sua vez principalmente nos estudos de Piaget e Vygotsky, trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada principalmente na tese de doutorado da autora que se tornou referência na França nos estudos sobre dislexsocialia.

É uma temática pioneira, interessante e abre um leque de possibilidades para a discussão do desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na escrita deste artigo foi de pesquisa bibliográfica com o enfoque em artigos e autores que discutem sobre a dislexia e sua influência na aprendizagem do indivíduo, bem como, o texto acadêmico precursor da temática dislexsocialia como contraponto da dislexia e conforme apresenta sua autora o grande fator dos distúrbios de aprendizagem para além do fator neurodesenvolvimento e verdadeiro motivo por trás do diagnóstico equivocado de dislexia. Descritores principais: Dislexia, Dislexsocialia. Aprendizagem, Desenvolvimento. Para a seleção dos artigos foram adotados como critérios de inclusão artigos publicados de 2000 até 2022.

3 ASPECTOS CONCEITUAIS E CONCEPTIVOS DA DISLEXIA E DISLEXSOCIALIA

3.1 CONCEPÇÕES DA DISLEXIA

A dislexia é um distúrbio genético e hereditário que causa dificuldade na aprendizagem, há alteração nas vias das conexões cerebrais, gerando dificuldade principalmente na leitura, escrita e soletração. Conforme Sousa (2014, p.36), “É uma patologia hereditária e congênita, sem causas culturais, intelectuais e emocionais, onde a criança falha no processo de aquisição da linguagem.” Os disléxicos têm um nível de inteligência normal, muitas vezes superior e grande habilidade em determinadas áreas, mas suas dificuldades de aprendizagem resultam em uma discrepância entre o seu potencial intelectual e seu desempenho escolar. Segundo essa visão, as dificuldades na aprendizagem causadas pela dislexia, podem causar implicações emocionais e problemas na personalidade, por isso, o diagnóstico e acompanhamento, adequado tornarão as implicações emocionais quase inexistentes e a criança mais confiante e segura frente a sua realidade e necessidades. De acordo com essa visão o fator biológico vai desencadear essas implicações e não vice-versa.

No início do século XX, pouca importância foi dada aos transtornos da linguagem, e os especialistas apontavam apenas o aspecto pedagógico da questão. Frente à negligência em relação à questão havia uma grande lacuna na recuperação das crianças e ao se tornar um evento de maiores proporções observáveis surge o termo dislexia. (SOUSA, 2014).

Melo em seu trabalho monográfico de 2009, afirma que nos meados de 1925, o neurologista Samuel Orton afirma em seu artigo que a dislexia existia independente de lesão ou dano cerebral. Sua pesquisa inicial com vítimas de traumatismo craniano com possíveis danos neurológicos viu que isso não era comum. Assim, ao perceber a existência de uma síndrome onde os indivíduos apresentavam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita e denominou de *Strophosynbolia* – que estava ligada a troca de símbolos observando também que não estava correlacionado a dificuldades visuais. (SOUSA, 2014).

Os encaminhamentos realizados constituíam em sua maioria de pessoas com dificuldades de ler, escrever e soletrar. O interesse pelo fenômeno foi aumentando e assim oftalmologistas norte-americanos identificaram conjuntamente com outros profissionais afirmando que: “Não são os olhos que leem, mas o cérebro”.

Ao estudar famílias de disléxico, entre 1928 e 1937, Orton encontrou algumas anomalias, como escrita em espelho, e atentou para o aspecto genético da questão. Dessa forma, observou que o fenômeno era provocado por imagens competitivas nos dois hemisférios cerebrais devido à falência em estabelecer dominância cerebral unilateral e consistência perceptiva. Seguiram-se a ele vários outros estudiosos interessados no assunto. (SOUSA, 2014).

A partir de 1990 surgem uma série de trabalhos que buscavam desvendar os aspectos genéticos da dislexia. Porém em contrapartida, vários cientistas, utilizando-se de exames complementares, demonstraram a possibilidade de malformações ou alterações funcionais cerebrais em crianças disléxicas como possíveis motivações para a ocorrência e mais recentemente, a exemplo de Sousa (2014), os estudos mais recentes oscilam campo psiconeurológico e focalizando as questões socioambientais.

3.1.1 Dislexia e suas várias concepções

A definição mais utilizada, segundo a ABD é a de 1994 da *International Dyslexia Association* (IDA): “Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico de origem constitucional caracterizado por uma dificuldade na decodificação de palavras simples que, como regra, mostra uma insuficiência no processamento fonológico.” Essas dificuldades não são esperadas com relação à idade e a outras dificuldades acadêmicas cognitivas; não é um resultado de distúrbios de desenvolvimento geral nem sensorial.

(SOUSA,2014).

A dislexia se manifesta por várias dificuldades em diferentes formas de linguagem frequentemente incluindo, além das dificuldades com leitura, uma dificuldade de escrita e soletração.” Nos anos 70, Galaburda e Kemper divulgam um trabalho de observação falando que os centros linguísticos da dislexia eram diferentes daqueles que não apresentavam dificuldade de aprendizagem. Outros estudos neurológicos foram feitos com explicações diversas, entretanto, até hoje, nas escolas os professores não conseguem conceber o que é verdadeiramente dislexia e diferenciar as circunstâncias do déficit da aprendizagem. (SOUSA, 2014).

Ainda há divergências e dificuldades na conceituação e identificação da dislexia. Estudos da ABD Internacional *Dislexia Association* (1994) definem a dislexia como um dos muitos distúrbios de aprendizagem, um distúrbio específico de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples conduzindo ao fracasso escolar.

Porto 2009 descreve que no século XIX houve preocupações da parte de diversos autores sobre o fracasso escolar de crianças as quais não, conseguiam reconhecer palavras na escrita e leitura. No entanto essas crianças possuíam nem uma deficiência mental capaz de explicar a dificuldade para interpretar uma leitura ou passar para um papel seu entendimento sobre algo. Com o passar dos anos expandiu-se vários autores com correntes de pensamento diversificados sobre o assunto, varias visões diversificadas.

Varias teorias que se resume em vários significados formulados sendo uns deles a dislexia. Sendo a dislexia a incapacidade de um individuo de aprender a ler mesmo sendo intelectualmente normal, ou seja, um distúrbio de aprendizagem que atinge crianças geralmente quando estão na educação infantil ao ensino fundamental essas crianças sentem dificuldades na leitura e na escrita não assimilando as atividades com facilidades como seus colegas da mesma idade embora sejam normal e sem nenhum problema mental. Mesmo tendo elas boas motivações por partes da equipe pedagógica e familiar, instruções adequadas, boas estadas emocionais.

Porem existe o fator biológico, hereditário a dislexia pode prover de algum membro da família.

Para Ross 2014, a dislexia é uma discrepância demonstrável entre o potencial teórico estimado e o desempenho teórico real, distúrbios que variam de brandos a severos e que são associados a desvio de função do sistema nervoso central, onde se manifestam por diversas combinações de deficiências na percepção, conceitualização, linguagem e controle de atenção de impulso ou função.

Sousa 2014. ainda afirma:, o *Annals of Dyslexia*, elaborado pela IDA, propôs uma nova definição:

Dislexia é uma dificuldade de aprendizagem de origem neurológica. É caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e por dificuldade na habilidade de decodificação e soletração. Essas dificuldades resultam tipicamente do déficit no componente fonológico da linguagem que é inesperado em relação a outras habilidades cognitivas consideradas na faixa etária.” Tal definição contou com a participação de vários profissionais, entre eles: Susan Brady, Hugh Catts, Emerson Dickman, Guinenere Éden, Jack Fletcher, Jeffrey Gilger, Robin Moris, HarleyTomey e Thomas Viall. (SOUSA, 2014.p.34).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV, caracteriza a dislexia como comprometimento acentuado no desenvolvimento das habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura. O diagnóstico é realizado somente se esta incapacidade interferir significativamente no desempenho escolar ou nas atividades

da vida diária (AVD's) que requerem habilidades de leitura. A leitura oral no disléxico é caracterizada por omissões, distorções e substituições de palavras e pela leitura lenta e vacilante. Neste distúrbio, a compreensão da leitura também é afetada.

Conforme levantamento feito pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), em média 40% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 a 12 anos, é de grau severo, 40% são de grau moderado e 20% de grau leve. De acordo com essa Associação, observa-se atualmente uma generalização do termo dislexia. Qualquer distúrbio de linguagem apresentado pela criança, logo é qualificado como dislexia, tanto pelos pais como pela escola. O problema nem sempre está na criança e sim nos processos educacionais, sob a responsabilidade familiar, ou nos processos formais de aprendizagem, sob incumbência da instituição escolar. Além dos problemas de ensinar, existe também a alfabetização precoce. Ou seja, cada vez mais as crianças estão menos prontas para iniciar o processo e são identificadas com dificuldades de aprendizagem que na realidade o professor deve ter condições de conduzir esse processo. Nesse contexto Freitas (2014, p. 86) afirma: "o professor tem que ter o domínio de sua atividade", pois a instrução escolar ocorre sobre funções psicológicas que não estão maduras, então na medida em que ele orienta uma tarefa e o aluno a executa, está sendo gerada uma aprendizagem que conduz ao desenvolvimento cognitivo. Caso o professor não tenha condições de fazê-lo estará comprometendo o processo ensino-aprendizagem, o mesmo auto defende também que, existe sempre um fator biológico, hereditário, isto é, há uma disposição natural ambiental e social que permite a aprendizagem do aluno, e que o professor deve levar em consideração.

3.1.2 Características de um cérebro com Dislexia

Uma pesquisa com cérebros de disléxicos empreendida pela neurologista inglesa Guinevere Eden, do Centro de Investigação Neurológica de Georgetown, constatou que uma das características comuns às crianças disléxicas é a dificuldade em reconhecer em que direção os objetos se movem. Por meio de exames de ressonância magnética funcional, foi possível verificar que o cérebro de um portador de dislexia é anatômico e fisiologicamente diferente de uma pessoa que não sofre do distúrbio. Ficou claro que o hemisfério direito do cérebro, não relacionado à linguagem, apresenta maior atividade do que o esquerdo. Para superar essa condição é preciso aprender como compensá-la.

De acordo com Rotta (2006), as diferenças estruturais entre o cérebro das pessoas com dislexia e o das pessoas sem dislexia concentram-se fundamentalmente no plano temporal. Além da simetria incomum dos planos temporais, o cérebro de leitores disléxicos tem alterações na cito arquitetura e alterações do cerebelo e suas vias. Isso ocorre provavelmente porque houve algum tipo de agressão nos primeiros estágios do desenvolvimento. Finalmente, os neurônios de tecido cerebral dos leitores disléxicos parecem ser menores que a média, pelo menos em algumas áreas de cérebro (por exemplo, o tálamo). O tamanho menor dos neurônios talâmicos pode muito bem estar ligado às anormalidades tanto do sistema visual quanto no sistema auditivo de indivíduos com dislexia.

É preciso estar atento ao histórico familiar, para parentes próximos que apresentem a mesma deficiência de linguagem. Também a aspectos pré, perinatal e pós-natal se o parto foi difícil, se pode ter ocorrido algum problema de anoxia (asfixia relativa), prematuridade do feto (peso abaixo do normal), ou hiper maturidade (nascimento passou da data prevista para o parto). Se a criança adquiriu alguma doença infectocontagiosa, que tenha produzido convulsões ou perda de consciência se ocorreu algum atraso na aquisição da linguagem ou perturbações na articulação da mesma, se houve um atraso para andar, e algum problema de dominância lateral (uso retardado da mão esquerda ou direita), entre outros.

Dentro da etiologia da dislexia sempre deverão ser considerados dois aspectos, que podem estar isolados ou relacionados, como também serem complementares: causas

genéticas e causas adquiridas. A etiologia pode ser dividida em: genética, adquirida e multifatorial ou mista.

3.1.3 Dislexia e formação da personalidade

Personalidade é um conceito que define a organização permanente das predisposições do indivíduo dos seus traços característicos, motivações, valores e modos de ajustamento ao ambiente. Personalidade consiste no repertório comportamental de cada um e este é multideterminado. Skinner (1998) apontava a importância de entender os três níveis de seleção do comportamento: filogênese, ontogênese e a cultura. Esses três fatores se combinam e interagem durante toda a vida formando o que chamamos de personalidade. Ao nascer, apresentamos comportamentos inatos (reflexos). Mas desde o momento inicial as contingências começam a influenciar a probabilidade futura dos nossos comportamentos.

Nas primeiras interações de uma mãe com o seu bebê, se a mãe espera a criança chorar para dar-lhe alimento, esta aprenderá que com o choro ganha comida. Entretanto, se a mãe a amamenta antes que chore, imaginando que pode estar com fome, o que a criança aprenderá será muito diferente - o alimento será, neste caso, contingente aos comportamentos que para a mãe são dicas de que o bebê está ou não com fome.

Refletir sobre personalidade significa reforçar uma tendência a se comportar de uma dada maneira em função de uma história passada que é individual. Refere-se, portanto, a um conjunto de comportamentos que ocorrem de forma consistente em muitas situações. Estes padrões são resultantes de um ambiente com contingências consistentes ao longo do tempo. Os pais, por exemplo, não mudam radicalmente na maneira de lidar com os filhos no dia-dia. A cultura valoriza e promove padrões rijos de comportamento porque é útil para predizer como vão se comportar e facilita a manutenção do funcionamento da sociedade. Há, entretanto, aquelas pessoas que adquirem padrões que não são adequadas do ponto de vista da cultura e que, por isso, podem ser transtornos de personalidade (Parker, Bolling, & Kohlenberg, 2002). O desenvolvimento da personalidade é um processo complexo porque depende de quatro tipos de fatores:

O 1º - fator é o biológico no qual se incluem a dotação genética, temperamento, aparência física e taxa de maturação.

O 2º - fator é a participação num grupo cultural. Em cada cultura há características que são adquiridas pelas crianças desde muito cedo.

O 3º - fator é a socialização isto são as experiências da criança com os outros, sobretudo os membros da família. A personalidade é, sobretudo o produto da aprendizagem social, dos modos de vida dos pais.

O 4º - fator é a situação de vida que a criança vive que pode concorrer para que manifeste cansaço, frustração, ansiedade, calma, bom humor; as recompensas ou castigos que recebe influenciam muito. Ex: se uma criança barulhenta e agressiva for educada na escola por professores metódicos e exigentes, mas amáveis as atitudes da criança modificam-se. Os colegas podem, também, ajudar a mudar a sua personalidade. (Parker, Bolling, & Kohlenberg, 2002, p.43).

Colaborando com a ideia dos autores acima, Sousa, 2014, p.55, afirma: "O desenvolvimento da personalidade envolve uma série de conflitos entre o indivíduo, que quer satisfazer os seus impulsos instintivos, e o mundo social (principalmente a família), que restringe este desejo." Como já mencionado anteriormente em outras palavras, esses fatores contribuem para o processo de aprendizagem.

3.2 CONCEPÇÕES DA DISLEXSOCIALIA

A origem do termo dislexsocialia, enquanto proposição pautada nas concepções de sociogênese de Vygotsky e enquanto elemento agravante da dislexia, porém diferenciado desse por ser originário de fatores ambientais e socioeconômicos e não neurológicos como o primeiro.

Na concepção de formação humana postulada por Vygotsky (1995), percebe-se que os elementos biológicos e psicossociais predis põem o sujeito. Esse teórico já afirmava que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores está diretamente relacionado com a interação do indivíduo, do seu organismo individual com o seu mundo cultural e que a partir daí, vão aparecer suas funções e atividades psicológicas mais sofisticadas e complexas. Também afirmava que essas funções, típicas do ser humano, dizem respeito ao controle consciente do comportamento, à ação intencional e à liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presentes. Assim, as origens de tais funções devem ser buscadas nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens, numa dada cultura e época. O fundamento psicológico tipicamente humano é social e histórico.

Dentro da abordagem de Vygotsky (2001), para compreender o desenvolvimento de um indivíduo, é preciso entendê-lo como membro de uma cultura, com elementos carregados de significados, e em um processo ininterrupto de criação, recriação e reinterpretção desses elementos. Os processos ocorridos em diversos níveis no mundo externo é que vão significar a vida do indivíduo, mas é através das relações interpessoais que o indivíduo chega a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento nesse processo e assim acontece a interação do mundo cultural com o mundo subjetivo de cada pessoa. É na força dessas relações que acontecem a produção cultural a qual produz e é produzida simultaneamente pelo sujeito. Nesse processo, a linguagem exerce um papel fundamental na comunicação entre os indivíduos e no estabelecimento dos significados compartilhados (Vygotski, 2001).

Assim, é possível compreender que, se o homem é membro de uma cultura carregada de significado e, ao mesmo tempo, se constitui nas relações sociais, ou seja, se é através dessas relações interpessoais dos homens que ocorre a internalização das formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico, então as condutas de disciplina e de indisciplina representam produtos da significação de um determinado grupo cultural e, portanto, estão na dependência das concepções e valores de uma dada cultura. (Pino, 2004, p. 73).

Em um determinado momento, a utilização das marcas externas (uso dos signos) começa a se transformar em processos internos – internalização – através dos sistemas simbólicos presentes na cultura, que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas. (Pino, 2004, p.764).

No Brasil, quase um terço da população possui baixos níveis de aquisição de leitura e escrita. Ao longo dos anos, a educação vem buscando desenvolver no aluno as competências da leitura e da escrita, o que é indispensável para vivermos num mundo onde o acesso às informações é cada vez mais rápido e nossa participação como cidadãos, mais exigente. Entretanto, a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades tais como: linguísticas, perceptuais, motoras e cognitivas.

Dessa forma, o termo distúrbios de aprendizagem levanta muitas discussões sobre a sua definição, causas, evoluções e tratamento. Para melhor identificação e compreensão desses distúrbios, deve-se considerar a importância da integração de vários fatores e processos internos, externos, receptivos e expressivos. É um assunto vivenciado diariamente por educadores em sala de aula e que desperta a atenção para a existência de crianças que frequentam a escola e apresentam problemas de aprendizagem. Por muitos anos, tais

crianças têm sido ignoradas, mal diagnosticadas e maltratadas. A dificuldade de aprendizagem vem frustrando a maior parte dos educadores, pois na maioria das vezes não encontram solução para esse problema. (Sousa, 2014).

De acordo com Coelho, (2009), as dificuldades de aprendizagem “referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com desvio do quadro normal, mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo (alunos multi-repetentes)” (Coelho, 2009, p. 32).

Assim, as dificuldades de aprendizagem devem ser levadas em conta, não como fracassos, mas como desafios e serem enfrentados, dando oportunidade aos alunos de serem independentes e de reconstruírem-se enquanto seres humanos.

Segundo Correa (2001, p.11), para que se aprenda a ler e escrever, são necessárias habilidades ou pré-requisitos, que devem ser trabalhados no período pré-escolar, o que muitas vezes não acontece adequadamente. Por isso, o ideal é que quando se percebe que as dificuldades de aprendizagem apresentadas pela criança são oriundas ou ampliadas por um método de ensino que não está adaptado a ela, propõe-se uma mudança metodológica para facilitar o processo de aprendizagem.

3.2.1 FATORES QUE DESENCADEAM A DISLEXSOCIALIA

Ao abordar o tema fatores emocionais Correa (2001, p.22) deixa claro a dificuldade de se estabelecer com precisão, quando o transtorno emocional precede as dificuldades de aprendizagem, ou quando é a própria causa das mesmas. Para se chegar a esta conclusão, é necessário um estudo detalhado da personalidade da criança e de seu comportamento, assim como da dinâmica familiar e social, na qual ela se encontra inserido.

Devido à complexidade causal das dificuldades de aprendizagem muitas vezes sendo resultado da combinação de vários fatores, fica nítida a dificuldade de diagnóstico certo. Por isso, deve ficar claro que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades (linguísticas, perceptuais, motoras, cognitivas, emocionais) e não se pode esperar, portanto, que um determinado fator seja o único responsável pela dificuldade para aprender.

Existem inúmeros fatores que podem desencadear um problema ou distúrbio de aprendizagem. Destacam-se alguns desses fatores, segundo Assunção (1996), considerados fundamentais: fatores psicológicos relativos à inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição, etc.

Os fatores ambientais relacionam-se ao tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação, etc. Os fatores citados precisam ser bem avaliados sempre que uma criança apresentar dificuldades de aprendizagem.

Chamat (2008) afirma que, trata-se de uma desordem do aprendizado que afeta a leitura, ortografia e a linguagem escrita podendo também ser acompanhada de problemas com os números, uma memória de curto prazo, pobre e de falta de aptidão; pode-se trazer também dificuldades a linguagem falada.

A pessoa que apresenta esse distúrbio sente dificuldade na interpretação de textos, pois é uma leitura lenta, fragmentada, isso quando ela ocorre. Essa dificuldade pode acarretar a redução da nota, nas demais disciplinas, muitas vezes o professor não tem a sensibilidade de buscar ajuda para a correção deste problema.

Uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem quando existem obstáculos ou impedimentos no processo normal de aprendizagem, podendo ser inerentes à criança tais dificuldades. As mesmas podem ter origem física ou psíquica, podem ser causadas por sua interação com o ambiente familiar, pelo meio sócio-econômico-cultural que rodeia ou pela forma em que os adultos lhe transmitem os conhecimentos, sem levar em consideração os processos mediante os quais as crianças têm acesso à aprendizagem.

Na maioria dos casos de D.A., observam-se também comportamentos diferenciados tais como: hiperatividade; fraco alcance de atenção; dificuldade para seguir instruções; imaturidade social; dificuldade com a conversação; inflexibilidade; fracos planejamento e habilidades organizacionais; distração; falta de destreza e falta de controle dos impulsos. Esses comportamentos são causados pelas mesmas condições neurológicas que originam as D.A.

Segundo Correa (2001, p. 56), para que se aprenda a ler e escrever, são necessárias habilidades ou pré-requisitos, que devem ser trabalhados no período pré-escolar, o que muitas vezes não acontece adequadamente. Quanto aos métodos, o autor salienta os diversos tipos, suas vantagens e desvantagens e conclui que: (...) o ideal é que quando se percebe que as dificuldades de aprendizagem que a criança apresenta são oriundas ou ampliadas por um método de ensino que não está adaptado à criança, propõe-se uma mudança metodológica para facilitar o processo de aprendizagem (Ibidem, p. 75).

Ao abordar os fatores emocionais, o autor deixa claro a dificuldade de se estabelecer com precisão, quando o transtorno emocional precede as D.A., ou quando é a própria causa das mesmas. “Para se chegar a esta conclusão, é necessário um estudo detalhado da personalidade da criança e de seu comportamento, assim como da dinâmica familiar e social, na qual ela se encontra inserida” (Correa, 2001, p. 87).

A maturidade para aprender a ler e escrever significa estar pronto para tal tarefa, e estar pronto abrange fatores fisiológicos, ambientais, emocionais e intelectuais e isto não ocorre ao mesmo tempo para todas as crianças, ou seja, a mesma idade cronológica não garante a maturidade geral. Iniciar a alfabetização sem dados concretos sobre a maturidade, ou antes, que a criança esteja pronta e preparada para tal, é incorrer num grande risco, pois poderá acarretar dificuldades intransponíveis logo no início do processo de aprendizagem (Ibidem, p. 78). Devido à complexidade causal das D.A., muitas vezes sendo resultado da combinação de vários fatores, fica clara a dificuldade de diagnóstico certo.

Devido à carência de bases diagnósticas dos reais casos de dislexia, muitos profissionais da escola se utilizam do termo dislexia para os diversos problemas pedagógicos apresentados pela criança, tornando o termo de uso banal quando são oriundos de problemas gerados por questões sociais e econômicas. Em muitos desses casos a autora observou características próximas às apresentadas aos casos de dislexia, mas que são espelhos de situações cujo diagnóstico está restrito a um ambiente desprovido do necessário para o desenvolvimento do potencial do aluno.

Pensando na realidade apresentada, percebeu a necessidade de um termo que pudesse retratar esses diversos casos de dificuldade de leitura, escrita e inadequação comportamental, cujo ambiente apresenta peso significativo no avanço do aluno quanto a sua capacidade cognitiva - Dislexsocialia.

A dislexsocialia surge assim, para denominar o déficit de aprendizagem e os distúrbios comportamentais apresentados pelo indivíduo que não configuram dislexia. Esse conceito nasce a partir da análise dos parâmetros da dislexia comparando-se aos casos com sintomas parecidos.

Sendo assim, dislexsocialia são alterações comportamentais e déficits de aprendizagem causados por transtornos sociais e econômicos, desde privações relativas à alimentação, desnutrição, carências vitamínicas, privação de estímulo de linguagem; políticas educacionais e pedagógicas inadequadas, isolamento social, situações de risco e violência, traumas da infância, desidratação, utilização de drogas, transtornos do sono e situações que comprometem o bem-estar e a saúde.

São distúrbios comportamentais, atraso significativo no desempenho e desenvolvimento cognitivo do indivíduo devido a exacerbação dos transtornos sociais, os quais promovem distúrbios sócio comportamentais causadores de déficit de aprendizagem e inabilidade de retenção do conhecimento.

Tal situação atinge todas as classes sociais, porém é mais acentuada nas classes mais desfavorecidas. Nas escolas públicas por exemplo, onde a clientela é formada por famílias de baixa renda, o déficit de aprendizagem é elevado, sendo encontrados vários sintomas comuns à dislexia, quando na verdade, esses sintomas são causados pela desnutrição, falta de assistência familiar, entre outros já citados. (Sousa, 2014).

A pobreza e a falta de alimentação levam as crianças a desenvolverem comportamento de inabilidade, atraso no desenvolvimento da linguagem escrita e dificuldade com a linguagem matemática, além de variados distúrbios sociais.

A grande quantidade de divórcios e as novas configurações familiares – famílias disfuncionais - também levam os discentes a apresentarem comportamento inadequado, causando atraso no seu desenvolvimento, déficit na aprendizagem, hipoatividade, hiperatividade, falta de atenção e concentração, além de dificuldade na linguagem escrita e matemática.

A utilização de drogas pelas crianças e adolescentes cada vez mais cedo e a falta de acompanhamento familiar também elevam o índice de indivíduos que apresentam distúrbios comportamentais com características de dislexia, confundindo os profissionais, principalmente os da educação que já têm dificuldade para identificar os verdadeiros portadores de dislexia.

Esses fatores podem ser elencados e explicados em sua importância e relevância para o desenvolvimento do aluno.

3.2.2 INTERCORRÊNCIAS DA DISLEXSOCIALIA

Sousa (2014) ressalta que decorrentes da dislexsocialia outros problemas irão consequentemente ocorrer para o indivíduo e para o seu entorno, entre eles:

- Indisciplina, enorme fantasma que assombra as salas de aula e que precisa o quanto antes que essa energia ser redirecionada de forma positiva e ressignificada como manifestação natural das crianças e jovens para que se desenvolvam e enfrentem o novo de maneira equilibrada. A criança com dislexsocialia precisa sentir esses limites; precisa ao saber-se diferente, que não existe desigualdade no tratamento entre ele e os demais. Precisa de limites, precisa de atribuições, precisa de tarefas, precisa entender que sua dificuldade lhe expõe a atenção didática especial na escola, mas não de tratamento especial em decorrência dos demais. O princípio de equidade deve ser trabalhado desde cedo nesses alunos, para que não se formem pequenos déspotas e tiranos. (Sousa, 2014).

- Baixa Autoestima- O indivíduo com dislexsocialia precisa ter sua autoestima à prova de crises e adversidades para que possa superar os desafios cognitivos que a dislexia impõe. A recuperação da autoestima e do bem-estar social é outro ponto fundamental para o viver bem.

- Bullying- Fenômeno que assola as escolas e a sociedade e reflete a violência a qual muitos jovens e crianças são submetidos, conforme descrito nos fatores que originam a dislexsocialia, sendo ainda um fator agravante a essa, pois o indivíduo acometido por essa condição é uma vítima em potencial e comprometem ainda mais o processo de ensino-aprendizagem do aluno e a convivência social fica seriamente abalada, gerando em muitos casos um potencial sociopata.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 AS ANÁLISES DOS ESTUDOS REFERENCIADOS ACERCA DA VISÃO DA DISLEXIA E A DISLEXSOCIALIA

O estudo da dislexia remonta ao início do século XX e foram precisos muitos anos para a sua afirmação enquanto transtorno do neurodesenvolvimento e em consequência transtorno que afeta a capacidade de aprendizagem. A dislexsocialia, o contraponto aqui apresentado, é

uma tese recente, bem fundamentada e pertinente, porém requer mais estudos para ser considerada como transtorno, visto que se apresenta como uma gama de fatores conjuntos que influenciam no desenvolvimento, aprendizagem e capacidades do indivíduo. Para tanto, a Neurociência, aplicada a educação serve como um nicho de possibilidades para que esses estudos se consagrem no âmbito das ciências da educação e ciências da saúde, sem perder de vista o forte componente sociológico que o estudo em questão traz explícito. Embora a terminologia seja ainda pouca conhecida e certamente não se consagre como consenso entre os estudiosos dos transtornos de desenvolvimento e distúrbios de aprendizagem, sua elaboração precisa ser considerada, principalmente frente à ênfase dada ao trabalho interdisciplinar como fator de força e de combate aos problemas de aprendizagem e desenvolvimento integral do indivíduo.

De forma resumida a autora apresenta os seguintes pontos quanto a visão da dislexia associado a dislexsocialia :

- Família disfuncional/Ambiente familiar: Segundo a autora em uma visão bem piagetiana, As crianças assimilam as experiências dos esquemas afetivos do mesmo modo que simulam as experiências das estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento. Assim, o afetivo é responsável pela dinamização da atividade mental e pela seleção dos objetos ou eventos sobre os quais quer agir,

O desenvolvimento mental é um aspecto que começa no dia em que a criança nasce. O comportamento sensório-motor já desde o nascimento, é o aspecto mais primitivos do desenvolvimento intelectual. Assim percebe-se que as estruturas de inteligência e sentimentos começam a se desenvolver logo na infância. E quem está perto acompanhando? A família. (SOUSA, 2014). Se essa família é desequilibrada ou não apresenta características de apoio emocional e segurança à criança, isso certamente afetará seu desenvolvimento e aprendizagem.

- Escola - A autora afirma que os alunos rotulados com dificuldades de aprendizagem e encaminhados para consultórios e clínicas encontram dificuldades de aprendizagem reativas, produzidas e expandidas pela escola. A escola tende à padronização do ensino e a valorização dos saberes verbal e matemático. É preciso que ela valorize também o saber que o aluno já possui e que o incentive a desenvolvê-lo.

- Metodologia inadequada- A autora sugere que esse fator ajuda a ocasionar a dislexsocialia e que para corrigir a problemática das metodologias inadequadas na escola: identificar fatores que interferem na motivação dos professores ao ensinar e identificar quais as possibilidades de mudança. Como complemento, é preciso ainda comprometimento com o trabalho e o querer fazer diferente por parte do docente. O compromisso com a aprendizagem pode mudar todo o cenário da sala de aula.

- Evasão Escolar. - Para Sousa (2014) A estatística da evasão escolar evidencia que grande parte dos alunos que abandonaram as escolas na idade escolar, apresenta dificuldade de aprendizagem. Eles engrossam a estatística dos pontos negativos da escola, assim como aumentam a estatística das crianças usuárias de drogas, adolescentes com ensino fundamental e médio incompleto. A dificuldade de aprendizagem aqui apresentada enquanto dislexsocialia ocasiona a evasão escolar e essa pode ser resultado daquela.

- Pobreza, Carência e Desnutrição. Sousa (2014) ressalta que a ciência já comprovou que alunos bem nutridos podem apresentar melhores notas e aproveitamento do que aqueles que têm uma alimentação desequilibrada ou deficiente. Crianças têm uma demanda maior de ingestão de nutrientes do que os adultos porque elas estão em fase de crescimento. Tudo ainda está sendo desenvolvido: seu corpo, seu cérebro, sua cadeia neurotransmissora, sua visão, sua capacidade de fala e de concentração.

A construção de cada uma dessas áreas corporais da criança depende intimamente do fornecimento de várias vitaminas e minerais, que participam de reações relacionadas com a formação dessas estruturas e o funcionamento correto de cada uma delas. Quando a criança apresenta deficiência na ingestão de algum desses nutrientes essenciais, ela pode ter seu

desenvolvimento prejudicado e inclusive o cérebro onde residem as áreas da aprendizagem. A desnutrição é a doença mais perigosa para uma criança, afinal a infância não é somente a fase da vida em que o organismo se desenvolve, mas também é quando se cria a capacidade de raciocínio e compreensão.

- Transtornos do sono- As causas dos distúrbios do sono na infância podem estar relacionadas com a obesidade, as inquietações das pernas e a deficiência de ferro. Para Silva, (2011) o sono é uma função biológica fundamental na consolidação da memória, na visão binocular, na termorregulação, na conservação e restauração da energia. Neste sentido, o sono é muito importante na vida do ser humano, é como o oxigênio, a comida e a água que nos ajudam a recuperar energia, conservar e processar o que aprendemos durante o dia. Assim, crianças e jovens que não tem um sono tranquilo ou uma carga horária adequada ao seu metabolismo físico, têm grande dificuldade de aprendizagem.

- Traumas na Infância/Abuso sexual –. Segundo relato de Bezerra (2006), vários problemas comportamentais desenvolvidos ao longo do tempo em criança/adolescentes abusados sexualmente podem ser observados, dentre eles: comportamento sexual inapropriado para a idade e nível de desenvolvimento (comparado com a média das crianças e adolescentes da mesma faixa etária e no mesmo meio sociocultural e momento histórico): comportamento excessivamente sexualizado ou erotizado, comportamento impulsivo (sexual, abuso de álcool e drogas, conduta auto - mutiladora, fuga de casa, depressão, transtornos de conduta (mentira), roubo, violência física ou sexual, comportamento incendiário, invasão de propriedade; sintomas dissociativos (como amnésia) ou conversivos (sintomas sugerindo a presença de um problema médico na ausência de achados compatíveis, como crises semelhantes a epilepsia), isolamento afetivo (parece indiferente, anestesiada frente aos eventos da vida); dificuldade de aprendizagem, fobias, isolamento social, irritabilidade, ansiedade, transtorno do sono e da alimentação. Essa situação requer o apoio imediato da equipe multiprofissional, pois é um dos efeitos mais perversos da dislexsocialia.

- Uso de drogas - Todas as substâncias que levam à dependência promovem a liberação de grandes quantidades do neurotransmissor dopamina nessa região, o que na prática se traduz como uma sensação de enorme prazer. A cocaína e a anfetamina, por exemplo, aumentam em até 15 vezes concentração de dopamina no núcleo e algo semelhante acontece com a morfina e a heroína. Mas o que isso tem a ver com a dislexsocialia? A droga traz o suposto prazer, o esquecimento momentâneo diante das mazelas da exclusão que o indivíduo sofre. O consumo de drogas é um dos grandes desafios que nossa sociedade enfrenta. Uma pesquisa realizada em 2005 entre os estudantes de Ensino Fundamental e Médio mostrou que 2% já haviam experimentado cocaína, 5,7% maconha, 15,5% solventes e 65,5% álcool (pesquisa CEBRID/UNIFESP, pesquisa realizada nas 27 capitais brasileiras). O problema se agrava porque praticamente não existem políticas públicas de saúde para dar apoio aos usuários que desejam abandonar o vício, portanto o consumo aumenta assustadoramente nas escolas (SOUSA, 2014).

Na abordagem referente a dislexia e disocialia Coelho apresenta uma visão integrada junto a família para o tratamento ou da dislexia ou disocialia, ele afirma a necessidade de um trabalho associado junto a família com objetivo de superar as dificuldades que muitas vezes estão associados a fatores ambientais, psicológicos e orgânicos. Nesse sentido Coelho (2009) ,descreve:

Qualquer dificuldade de aprendizagem implica vasto trabalho do educador, junto à família do aluno, a fim de examinar situações e recolher características com objetivo de descobrir o que está causando a dificuldade ou empecilho para que o educando aprenda. Vale frisar que o educador não conhece os sinais próprios do pensamento da criança, em cada faixa etária, assim terá dificuldades em descobrir em qual

estágio o aluno se encontra, sendo capaz de ocorrer erros no caso das dificuldades para cada aluno. (Coelho, 2009, p.87).

O professor, familiares devem estar atento para identificar os possíveis problemas que os educandos possam apresentar, para que a partir dessa análise ele possa desenvolver estratégias de ensino que venham favorecer o aprendizado da leitura e da escrita dos alunos. Considerando que a leitura é um meio eficaz no sentido de produzir uma compreensão do mundo.

O professor deve planejar e refletir a respeito dos melhores métodos a serem utilizados em sala de aula ou envolva a dislexia e dissocialia, para que haja resultados significativos. Sousa 2015, afirma que qualquer método de instrução pode agrupar valores a atividade de ensino, visto que, estão continuamente ligados aos objetivos apresentado, portanto as estratégias de ensino tem a capacidade de estimular a aprendizagem dos educandos, sendo um meio prazeroso, que desperta o interesse dos alunos.

A dislexia ou dissocialia, pode ser bem trabalhada em sala de aula segundo Anastasiou, desde que o docente venha desenvolver ações e estabelecer estratégias que venham tornar as aulas agradáveis e criativas que estimule a curiosidade para a construção de conhecimentos. Anastasiou 2012, escreve sobre a ação do docente, que:

Não se trata de um conteúdo, mas de uma ação que abrange um grupo de pessoas, na formação de conhecimentos, seja por adoção, ou por contestação. Segundo o que já foi dito, todo conteúdo mantém sua lógica interior que lhe é própria e que necessita ser entendida e apropriada para sua verdadeira compreensão. (Anastasiou, 2012, p.76).

O professor deve ficar atento para auxiliar o aluno dislexo, deve apresenta uma noção de situação otimizada; desenvolvida de intuição deve ser perspicaz, com sensibilidade. O professor deve lança mãos de memórias fotográfica e orientações de espaço desenvolvendo sempre a sociabilidade, criando sempre e provendo a alegria na sala de aula e no ensino

4 CONCLUSÕES

A dislexsocialia deve ser considerada como um distúrbio da aprendizagem que numa linha bem Vygotskyana alia essas dificuldades a uma série de condições e fatores externos ao indivíduo, causados por seu ambiente e que são potencializados pelas condições internas, biológicas, genéticas e de saúde. É importante ressaltar que a autora não refuta a dislexia, mas sim seu diagnóstico indiscriminado, sem a análise e consideração de outros fatores comprometedores do desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo.

A autora constata que as dificuldades de aprendizagem podem ser decorrentes de vários fatores sócio ambientais como: família disfuncional, escola omissa e metodologia inadequada, abuso sexual e traumas da infância, subalimentação e desnutrição, transtornos do sono, doenças, uso de drogas, falta de acompanhamento individual tanto da escola quanto da família, pobreza, entre outros. Surge ai a terminologia dislexsocialia que embasa toda a pesquisa da autora.

É importante ressaltar que a autora não refuta a existência da dislexia, apenas busca com seus estudos comprovar que há uma tendência à generalização de diagnósticos dessa, quando na verdade há outros fatores contributivos para as dificuldades de aprendizagem de alunos que não podem ser atribuídos a fatores neurológicos.

Pressupõem-se que o trabalho referente à temática deve ser considerado e aprofundado, visto que notadamente é fruto de diagnósticos exaustivo de anos de serviço e empenho profissional da pesquisadora, onde é ressaltado que todo trabalho educacional

precisa e deve ser fruto de parceria e multidisciplinariedade, enfatizando a ação de outros profissionais de saúde, educação e serviço social como necessários e imprescindíveis ao campo educacional, questão essa já abordada por nós em trabalhos anteriores. Ademais seja no campo da educação, seja no campo da neurociência todo o trabalho multidisciplinar se torna mais consistente e elaborado permitindo melhores soluções e/ou adequações tanto no ponto de vista da aprendizagem quanto no desenvolvimento integral do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD) www.dislexia.org.br
http://www.medsys.com.br/ultimas_not/noticias.php?cd_noticia=577
- Assunção, Maria Helena S. (1996). *Magistério primário e cotidiano escolar*. Campinas: Autores Associados.
- Anastasiou, L.G.C. Estratégias de ensino aprendizagem. In: Anastasiou L.G.C. (org) Alves, L.P. Processo de ensino aprendizagem, pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2012.
- Barbosa, J. Juvêncio. (2011). *Alfabetização e leitura*, São Paulo: Cortez.
- Chamat, Leila Sara José. Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem / Leila Sara José Chamat.- 1.ed.-São Paulo: Vetor, 2008.
- Coelho, M.T. Problemas de aprendizagem. São Paulo: editora Ática S.A, 2009.
- Coll, César Palacios, Jesus e Marchesi, Álvaro. 1995. *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educacionais especiais e aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, vol. 3. Corrêa, Rosa M. (2001). *Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar*. Campinas: Mercado de Letras.
- DSM-IV (1995). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freitas, Tânia Maria de Campos. *Tratamento psicopedagógico do jovem disléxico*. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 05 de Março de 2022.
- Gonçalves. Áurea Maria Stavale. *A criança disléxica e a clínica psicopedagógica*. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 05 de Março de 2014
- González Rey, F. (1997). *Epsitemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ..
- Lanhez, Maria Eugênia; Nico, Maria. Ângela. 2002. *Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares* 10ª edição Rio de Janeiro: E/se vier.
- Lima, Elvira Souza. (2002). *Quando a criança não aprende a ler e a escrever*. São Paulo: Editora Sobradinho.
- Melo, Maria da Conceição Gomes de. Monografia: Dislexia: comprometimento no ensino fundamental. Salvador, 2009.
- Nico, Maria Angela Nogueira. Métodos de Alfabetização e a Dislexia. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/material/artigos/artigo002.html>>. Acesso em: 03/03/2022.
- Pinto, Maria Alice Leite (org.). (2003). *Psicopedagogia diversas faces, múltiplos olhares*. São Paulo: Olho d'Água..
- Rotta, Newra Tellecha...[et al.]. (2006). *Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Smith, C.; Strick, L. 2001. *Dificuldades de aprendizagem de a a z: um guia completo para pais e educadores*. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed.
- Sousa, M.C.; Fontanari, J.F. *Dislalia na escola psicologia da educação* II. IFCS, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.gradadm.ifcs.usp.br/dados/20152/5lc.0631-1/Dislalia%20na,%20escola.pdf>> Acesso em: 25/10/2022.
- Sousa, Janete Pereira de. (2022). *Dislexia X Dislexsocialia: Um Novo Conceito Para A Contemporaneidade; Um Outro Olhar*. Tese (Doutorado) Curso de Doutorado em Tecnologia

da Educação ULSHP – UNIVERSITE LIBRE DES SCIENCES DE L’HOMME DE PARIS
Curso de Doutorado em Tecnologia da Educação.(2014)./UNB-Brasília.2016. Disponível
em DISLEXIA X DISLEXSOCIALIA: UM NOVO CONCEITO PARA A
CONTEMPORANEIDADE: UM OUTRO OLHAR baixar de graça pdf (garderobnaya.su).
Vygotsky, L., Luria, A.; Leontiev, A.(2001). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.
Trad. Maria da Penha Villalobos São Paulo: Marti Icone.
Vygotsky, L.S. (1995) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.